

A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER NA PESQUISA DIALETAL BRASILEIRA

Marcela Moura Torres Paim¹

RESUMO

O trabalho trata do papel que a mulher desempenha dentro da Academia, de maneira a analisar a constituição da sua identidade na pesquisa dialetal brasileira. Para isso, esta investigação discute, à luz da Dialetoлогия, a liderança feminina na produção dos primeiros atlas linguísticos regionais no Brasil, desde 1963, bem como na elaboração do atlas linguístico de âmbito nacional, cujos volumes iniciais foram publicados em 2014. No que diz respeito a essa atuação na esfera dialetológica, podem-se fazer algumas considerações: as mulheres possuem papel fundamental na documentação da diversidade lexical do português falado no Brasil, seguindo os parâmetros da Dialetoлогия monodimensional, no princípio, e pluridimensional, na contemporaneidade.

Palavras-chave: Identidade, Mulher, Pesquisa, Dialetoлогия.

INTRODUÇÃO

O ramo da Linguística que estuda a língua na perspectiva espacial, na sua modalidade oral, é a Dialetoлогия. Essa ciência trabalha com a documentação de fenômenos linguísticos, mapeamento em cartas linguísticas as quais são reunidas em forma de atlas. Assim, a pesquisa dialetológica registra o falar de uma comunidade, podendo mostrar como os aspectos externos à língua influenciam os falares locais, fornecendo subsídios para a descrição da língua por meio de um atlas linguístico.

Este trabalho, de natureza dialetológica, centra-se no papel desempenhado pela mulher dentro da Academia na pesquisa dialetal brasileira. É, pois, nesse contexto de descrição da realidade acadêmica feminina, que se examinará a atuação da mulher desde a produção dos primeiros atlas linguísticos regionais no Brasil, desde 1963, bem como na elaboração do atlas linguístico de âmbito nacional, cujos volumes iniciais foram publicados em 2014.

Pretende-se, no artigo em questão, registrar a constituição da identidade das mulheres na documentação da diversidade do português falado no Brasil, seguindo os parâmetros da Dialetoлогия monodimensional e pluridimensional.

¹ Professora de Língua Portuguesa do Departamento de Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, marcela.paim@ufrpe.br.

REFERENCIAL TEÓRICO

A ciência que estuda prioritariamente a variação espacial no âmbito da Linguística denomina-se Dialectologia que, segundo Cardoso (2010, p.15), é definida como

um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica.

Atualmente, a Dialectologia trata não apenas das variações regionais, dos dialetos e falares de uma determinada localidade, numa perspectiva monodimensional, mas, também, das variações sociais, nelas incluídas as variações diageracionais, diasssexuais, culturais, delimitadoras de um grupo cultural que imprime à sua linguagem marcas de sua cultura local e regional, bem como as variações estilísticas. Nessa perspectiva pluridimensional, a observação prioritária continua no aspecto espacial, mas agregam-se outros fatores sociais, como sexo, faixa etária, escolaridade, estilo de fala, nas análises dos dados. Sobre essa questão, manifestou-se Lope Blanch (1978), afirmando que “Se a dialectologia tem como finalidade geral o estudo das falas, deverá tratar tanto das suas variedades regionais como das sociais, tanto do eixo horizontal como do vertical”. (LOPE BLANCH, J. 1978, p.42)

Uma das técnicas de se estudar a língua na perspectiva da Dialectologia é através dos atlas linguísticos, que são conjuntos de mapas, chamados cartas, onde ficam registradas todas as variações fonéticas, léxico-semânticas e morfossintáticas, ocorridas em cada uma das regiões, sub-regiões e localidades onde essas variações ocorrem.

O estudo dos falares regionais brasileiros tem suscitado o interesse de pesquisadores, de forma sistemática, pelo menos a partir do século XIX quando surgem os primeiros léxicos e glossários regionais a que se seguem trabalhos de cunho monográfico, iniciados com *O Dialeto Caipira* (1920), abrangendo os diversos níveis da língua, entre os quais o lexical. Tal interesse ganha corpo com trabalhos sobre áreas específicas, marcados, no seu início, pela publicação de três obras que se tornaram referência — *O Dialeto Caipira*, Amaral, em 1920, *O linguajar carioca em 1922*, Nascentes, em 1922, e *A língua do Nordeste*, Marroquim, em 1934, — e com a

publicação de atlas regionais, o primeiro dos quais, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), publicado em 1963, marca o início efetivo da Geolinguística brasileira.

A análise dos atlas linguísticos bem como dos estudos geolinguísticos produzidos no Brasil nas últimas décadas denuncia o interesse crescente pelo enfoque do componente semântico-lexical por parte de muitas pesquisas que se dedicam à Geolinguística.

A esse interesse inicial soma-se o esforço bem sucedido dos autores dos atlas linguísticos brasileiros na busca para retratar a variação de cunho diatópico, que resulta na elaboração de cartogramas na maioria dos trabalhos produzidos no último quartel do século XX. Acrescenta-se a essa produção bastante expressiva um número relativamente grande de estudos geolinguísticos, artigos e capítulos de livro que têm buscado focalizar um dado ou vários dados linguísticos ou uma determinada área semântica. O mérito desses trabalhos reside em colocar em foco o componente semântico-lexical, tarefa que um atlas, por visar à descrição da totalidade dos dados coletados, não objetiva fazer.

Nesse contexto, para este trabalho, a proposta é mostrar a importância da mulher desde o princípio na pesquisa dialetal, no *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, e nos registros constantes do *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).

O *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), que tem como autor Nelson Rossi e coautoras Carlota Ferreira e Dinah Isensee, foi o primeiro atlas linguístico produzido em terras brasileiras e foi feito e publicado entre 1960 e 1963.

É importante mencionar que o APFB pôs em evidência o papel de duas mulheres importantes para os estudos da variação da língua portuguesa: Carlota Ferreira, que posteriormente publicou o *Atlas Lingüístico de Sergipe*, e Dinah Isensee, hoje conhecida como Dinah Callou, pesquisadora do *Projeto da Norma Linguística Urbana Culta do Rio de Janeiro*.

A constituição da identidade da mulher na pesquisa dialetal brasileira também se projeta com a publicação do *Atlas Lingüístico da Paraíba* – ALPB, publicado em 1984, de autoria de Maria do Socorro Silva de Aragão e Cleusa Bezerra de Menezes, que contou com uma rede de 25 municípios, escolhidos como base, mais 3 municípios satélites por base, que serviram para controle dos dados obtidos.

A pesquisa cobriu todo o estado da Paraíba e documentou 107 informantes. Em cada ponto foram documentados um mínimo de três e um máximo de dez informantes,

com idade variando entre 30 e 75 anos e com grau de instrução do analfabeto ao primário completo.

O questionário utilizado compunha-se de duas partes: uma geral, com 289 questões referentes aos campos semânticos *a terra, o homem, a família, habitação e utensílios domésticos, aves e animais, plantação, atividades sociais*, e uma específica, com 588 questões relativas aos cinco principais produtos agrícolas do Estado: *mandioca, cana-de-açúcar, agave, algodão e abacaxi*.

Dos três volumes propostos, apenas dois encontram-se publicados. O primeiro apresenta uma parte introdutória referente à metodologia adotada, seguida das cartas léxicas (68) e fonéticas (81) do questionário geral. O segundo, além da metodologia, traz dados histórico-geográficos do Estado, dados geoeconômicos e socioculturais das 25 localidades, a ficha do informante e a análise dos aspectos fonético-fonológicos e morfossintáticos observados, sistematizados sob a forma de um glossário.

Embora tivesse seus originais prontos desde 1973², somente em 1987 o *Atlas Lingüístico de Sergipe* (ALS) foi publicado. De autoria de Carlota Ferreira, Jacyra Mota, Judith Freitas, Nadia Andrade, Suzana Cardoso, Vera Rollemberg e Nelson Rossi, constitui-se num passo a mais no mapeamento linguístico da área dos falares baianos.

O papel fundamental dessas pesquisadoras juntamente com a experiência de Nelson Rossi possibilitou a documentação de dados de 15 localidades³, cobrindo, assim, todo o Estado, de onde foram inquiridos 30 informantes, dois de cada ponto, distribuídos em ambos os sexos, com idade variando entre 35 e 53 anos, analfabetos ou pouco alfabetizados. As questões recobriam as mesmas áreas semânticas do APFB: *terra, vegetais, homem e animais*.

Segundo Cardoso (2010), no que se refere à metodologia, o ALS apresenta algumas inovações: 1) aplicação de inquéritos preliminares, gravados, em todas as localidades; 2) maior amplitude do questionário, que contou com cerca de 700 perguntas, nele incluídas as que integraram o extrato de questionário da Bahia, acrescidas de outras formuladas a partir dos inquéritos preliminares; 3) registro por escrito, no próprio questionário, da forma de se perguntar sobre o item, a fim de garantir maior homogeneidade nos inquéritos e 4) inclusão de informantes dos dois sexos em

² Segundo atlas elaborado, seguindo-se ao *Atlas Prévio dos Falares Baianos* – APFB.

³ Destas, 7 coincidem com a proposta de Nascentes.

cada localidade, devidamente identificados (informante feminino como “A” e masculino como “B”), o que permitiu o controle cartográfico dessa variável.

O ALS constitui-se de 180 cartas, são 11 introdutórias e 169 cartas léxicas com transcrição pormenorizada e numerosos dados etnográficos. Em cada uma delas, há a remissão à carta correspondente no *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. O ALS conta também com uma série de cartas conjuntas Bahia-Sergipe, com dados da Bahia, não apresentados no *APFB*.

Dando continuidade ao papel da liderança feminina na pesquisa dialetal brasileira, surge o *Atlas Lingüístico do Paraná* (ALPR), apresentado inicialmente como tese de doutorado de Vanderci de Andrade Aguilera, em 1990, e publicado em dois volumes no ano de 1994. O primeiro volume apresenta a metodologia, a descrição das localidades, caracterização dos informantes, a apresentação das cartas e um glossário das cartas cartografadas e registradas em notas às cartas. O segundo apresenta as cartas linguísticas, num total de 191, sendo 92 lexicais, 70 fonéticas e 29 apresentam traçados de isoglossas.

A rede de pontos perfaz um total de 65 localidades, distribuídas por todo o Estado do Paraná. Em cada uma delas foram ouvidos dois informantes, com idade variando entre 30 e 60 anos, analfabetos ou com o primário completo, que responderam um questionário composto por 325 perguntas referentes aos campos semânticos *terra* e *homem*. No questionário, a pesquisadora inseriu perguntas comuns a outros atlas, a fim de possibilitar estudos comparativos entre eles, resultando, assim, na apresentação de diversas cartas coincidentes com as dos demais.

Além da documentação cartográfica da variação lexical, da variação fonética e a delimitação de isoglossas, a dialetóloga objetivou a organização de um glossário, no qual se registra "todo vocabulário cuja forma e/ou sentido" não pertence "ao vocabulário ativo de um falante da norma padrão urbana".

Inicialmente apresentado como tese de doutorado, o *Atlas Lingüístico de Sergipe II* (ALS II) é de autoria de Suzana Alice Marcelino Cardoso e foi publicado em 2005. Corresponde ao segundo volume do Atlas Linguístico de Sergipe (ALS) e contempla o *corpus* não explorado no primeiro volume. Centrado na área semântica *homem*, constitui-se de um total de 108 cartas, sendo 03 cartas introdutórias e 105 semântico-lexicais.

A rede de pontos abrange 15 localidades, distribuídas por todas as microrregiões homogêneas do estado e cada ponto conta com dois informantes, identificados com A (mulher) e B (homem), não alfabetizados ou semialfabetizados, com afastamento nulo ou por pouco tempo do ponto de residência.

Esse atlas se caracteriza por seu aspecto bidimensional, além da variável diatópica há a informação sistemática do sexo do informante e gráficos que apresentam os percentuais de uso por sexo. Caracteriza-se também como atlas de segunda geração, apresenta um conjunto de comentários às cartas e um índice onomasiológico das formas documentadas, somando-se, ainda, um glossário semasiológico.

A identidade da mulher na pesquisa dialetal brasileira também se mantém na concretização do Projeto ALiB, cujas bases se lançam no Seminário *Caminhos e Perspectivas para a Geolingüística no Brasil*, que contou com a participação de representativo número de pesquisadores brasileiros da área e com a presença do Prof. Dr. Michel Contini, do *Centre de Dialectologie de Grenoble*, Diretor do *Atlas Linguistique Roman* e membro do Comitê Diretor do *Atlas Linguarum Europae*. Nesse evento, decidiu-se que o Projeto ALiB seria coordenado por um Comitê Nacional, constituído de uma Diretora-Presidente – Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso (Universidade Federal da Bahia), de uma Diretora Executiva – Jacyra Andrade Mota (Universidade Federal da Bahia) e de Diretores Científicos, autores dos atlas linguísticos regionais publicados no Brasil. Diante disso, é fundamental perceber a atuação de duas importantes mulheres na liderança desse projeto de âmbito nacional e na condução de importantes pesquisas dialetais brasileiras.

Devido ao falecimento da saudosa Suzana Cardoso, em 2018, atualmente, a coordenação do Projeto ALiB está sob a responsabilidade de um Comitê Nacional, constituído de 13 (treze) membros assim estruturado: Diretora Presidente – Jacyra Andrade Mota (Universidade Federal da Bahia), Diretora Executiva – Silvana Soares Costa Ribeiro (Universidade Federal da Bahia), Diretores Científicos: Abdelhak Razky (Universidade Federal do Pará); Aparecida Negri Isquerdo (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul); Conceição Maria de Araújo (Universidade Federal do Maranhão); Fabiane Cristina Altino (Universidade Estadual de Londrina); Felício Wessling Margotti (Universidade Federal de Santa Catarina); Marcela Moura Torres Paim (Universidade Federal Rural de Pernambuco); Maria do Socorro Silva de Aragão (Universidade Federal da Paraíba/Federal do Ceará); Marilúcia Barros de Oliveira

(Universidade Federal do Pará); Regiane Coelho Pereira Reis (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul); Valter Romano (Universidade Federal de Santa Catarina) e Vanderci de Andrade Aguilera (Universidade Estadual de Londrina).

O Projeto ALiB, na sua essência um projeto linguístico porque busca documentar, descrever e interpretar a realidade do português brasileiro, tem, exatamente, uma evidente liderança feminina na pesquisa dialetal. Ao se publicar, em 2014, os volumes iniciais do atlas, algumas considerações já podem ser feitas sobre os dados.

Nesse sentido, apresentam-se, a seguir, de forma ilustrativa, resultados que mostram a diversidade de usos presentes nos dados de informantes entrevistados por mulheres, que integram a equipe de pesquisadoras do Projeto Atlas Linguístico do Brasil.

METODOLOGIA

O Projeto ALiB fundamenta-se nos princípios gerais da Dialetologia pluridimensional, ou contemporânea, priorizando a variação espacial ou diatópica e atento às implicações de natureza social que não se pode, no estudo da língua, deixar de considerar. Dessa forma, o Projeto objetiva mapear o Brasil com base em dados coletados em 250 pontos, representativos de todas as regiões, e recolhidos, *in loco*, a 1.100 informantes, distribuídos equitativamente por duas faixas etárias — 18 a 30 anos e 50 a 65 anos —, pelos dois sexos e, nas capitais de Estado, em número de 25 (as capitais Palmas, Estado de Tocantins, e Brasília, Distrito Federal, se excluem por questões metodológicas em virtude de serem cidades recém-criadas), por dois níveis de escolaridade — fundamental e universitário —, ficando os demais pontos da rede com apenas informantes do nível fundamental.

Os inquéritos são realizados com base em questionário previamente estabelecido, constituído de três subtipos:

- a) Questionário Fonético-Fonológico (QFF), que inclui questões para apuração de diferenças prosódicas;
- b) Questionário Semântico-Lexical (QSL);
- c) Questionário Morfossintático (QMS).

Acrescentam-se questões referentes à pragmática, assim como sugestões de temas para o registro de discursos semidirigidos e questões de natureza metalinguística e texto para leitura.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para ilustrar a atuação feminina na pesquisa dialetal, foram analisadas entrevistas realizadas por mulheres no intuito de verificar os dados aqui discutidos, fornecidos por habitantes das capitais da rede de pontos do Projeto ALiB relacionados às denominações que recebe *o cosmético* que as mulheres passam no rosto, para ficarem mais rosadas.

No que diz respeito ao aspecto diasssexual, é válido destacar que as respostas foram obtidas mais facilmente das informantes femininas pelo fato de ser um assunto mais relacionado com o seu universo. As formas *maquiagem*, *pó*, *base* foram, em geral, mencionadas por muitos informantes masculinos, que, após os esclarecimentos da entrevistadora, conseguiam responder ao que se estava perguntando, como pode ser observado no diálogo a seguir:

Exemplo 1

Entrevistadora: Como chama aquele produto que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas?

Entrevistado: O pó. Chamava pó, *ruge*... né?

Entrevistadora: E o pó é a mesma coisa que o *ruge*?

Entrevistado: É, eu considero a mesma coisa, né? O pó... que é pra ficar mais um pouquinho corada, o *ruge*, como antigamente se chamava, né? (Recife, Homem, Faixa 2, Nível Fundamental)

Se, para esse informante masculino de Recife, não existe distinção entre *pó* e *ruge*, essas diferenças são bem perceptíveis no universo feminino, conforme mostra o exemplo a seguir:

Exemplo 2

Entrevistadora: Como é que chama isso que a gente usa pra ficar mais coradinha?

Entrevistado: Quando eu era criança, era *ruge*, agora é *blush*. (Salvador, Mulher, Faixa 2, Nível Fundamental)

É interessante mencionar que as pesquisadoras são persistentes na busca pela diversidade do dado linguístico pesquisado, mesmo quando ele não faz parte do universo do informante, como demonstra o exemplo a seguir:

Exemplo 3

Entrevistadora: Como se chama aquilo que as mulheres passam no rosto?

Entrevistado: *Ruge*.

Entrevistadora: Tem outro nome?

Entrevistado: Não, não esse negócio de mulher...

Entrevistadora: Esse negócio de mulher você não entende muito, né?

Entrevistado: É. (Campo Grande, Homem, Faixa 1, Nível Fundamental)

Numa abordagem diasssexual, a Figura a seguir, da pesquisadora Paim (2014), presente em CARDOSO *et al.* (2014b, p. 331) mostra a distribuição das denominações *ruge* e *blush* segundo a carta lexical.

Figura: Denominações para o produto que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas nas capitais brasileiras numa perspectiva diasssexual



Fonte: CARDOSO *et al.*, 2014b, p. 331.

Em seu estudo, além de analisar o papel das mulheres na prática da pesquisa dialetal, ao aplicar o questionário nos entrevistados, Paim (2014) mostra a distribuição percentual das denominações *ruge* e *blush*, revelando a preferência de *blush* entre os homens (62,60% x 23,20%) e de *ruge* entre as mulheres (76,80% x 37,40%).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção, a projeção e a manutenção da identidade da mulher na pesquisa dialetal possuem papel fundamental na documentação da diversidade do português falado no Brasil, desde o princípio, seguindo os parâmetros da Dialectologia monodimensional, no caso do APFB, como também na contemporaneidade com o ALiB, que contempla o registro da diversidade lexical do português brasileiro falado.

Especificamente no volume 2 (CARDOSO *et al.*, 2014b, p. 331), que trata das denominações que recebe *o cosmético* que as mulheres passam no rosto, para ficarem mais rosadas, se podem fazer, em caráter de conclusão, algumas considerações preliminares nas entrevistas realizadas por mulheres:

- a) Os dados analisados representam uma variação que possibilita a visualização da diversidade lexical e geolinguística do português falado no Brasil.
- b) A seleção entre as denominações *ruge* e *blush* está condicionada ao aspecto diasssexual, como demonstraram os dados apresentados.

O trabalho procurou mostrar a importância das mulheres na Academia, na pesquisa dialetal, na busca da fala dos informantes, no estudo dos subsídios para o registro da diversidade da língua portuguesa no Brasil.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, V. A. **Atlas Lingüístico do Paraná** (ALPr). Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994. 2 v.

AMARAL, A. **O dialeto caipira**. São Paulo: Anhembi./ HUICITEC/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

ARAGÃO, M. S.; MENEZES, C. **Atlas Lingüístico da Paraíba**. I-II. Brasília: Universidade Federal da Paraíba: CNPq, 1984.

CARDOSO, S. A. M. S. **Atlas Lingüístico de Sergipe II** (ALS –II) 2002. 2 v. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CARDOSO, S. A. M. S. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, S. *et al.* **Atlas Linguístico do Brasil**. v. 1. Londrina: EdueL, 2014a.

CARDOSO, S. *et al.* **Atlas linguístico do Brasil**. v. 2. Londrina: Eduel, 2014b.
COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas linguístico do Brasil**.
Questionários. Londrina: UEL, 2001.

FERREIRA, C.; MOTA, J.; FREITAS, J.; ANDRADE, N.; CARDOSO, S.;
ROLLEMBERG, V.; ROSSI, N. **Atlas linguístico de Sergipe**. Salvador: UFBA-
FUNDESC, 1987.

LOPE BLANCH, M. La sociolingüística y la dialectología hispánica. In: ALVAR, M.
& LOPE, BLANCH, M. (Orgs.). **En torno a la sociolingüística**. México: UNAM,
1978. p. 35-49.

MARROQUIM, M. **A língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco**. São Paulo:
Nacional, 1934.

NASCENTES, A. **O linguajar carioca em 1922**. Rio de Janeiro: Süsseskind de
Mendonça, 1922.

ROSSI, N.; FERREIRA, C.; ISENSEE, D. **Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)**.
Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1963.

